

22° Fenatib

Revista do 22º Festival
Nacional de Teatro para
crianças e jovens

2019

Realização:



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



Conselho Editorial

Prof. Dr. Valmor Beltrame

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Florianópolis - SC

Romualdo Luciano Sedrez(Pepe) | Cia Carona Blumenau - SC

Prof. Dr. Antônio Lauro de Oliveira Góes

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Rio de Janeiro - RJ

Prof. Dr. Vicente Concílio

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Florianópolis - SC

Prof. Me. Taís Ferreira

Universidade Federal de Pelotas - UPEL
Pelotas - RS

Prof. Dr. Mário Piragibe

Universidade de Uberlândia - UFU
Uberlândia - MG

Maria Helena Kuhner

CBTIJ
Rio de Janeiro - RJ

Leidson Ferraz

Recife - PE

Prof. Dra. Izabela Brochado

Universidade de Brasília - UNB
Brasília - DF

Humberto Braga

Rio de Janeiro - RJ

Fátima Ortiz

Escola de Teatro Pé no Palco
Curitiba - PR

Francisco Medeiros

Escola Livre de Teatro
São Paulo - SP

Prof. Me. Caroline Holanda Cavalcante

Universidade de Fortaleza - UNIFOR
Fortaleza - CE

Prof. Anibal Pacha

Universidade Federal do Pará
UFPA Belém - PA

Maria Teresinha Heimann

Coordenação Editorial
Blumenau SC

Secretaria Municipal de Cultura e Relações Institucionais

Secretário

Rodrigo Rogério Ramos

Diretor Administrativo-Financeiro

Paulo Rogério da Silva

Diretor de Cultura

Mariana Girardi

Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico

Sueli Maria Vanzuita Petry

Coordenação técnica do Fenatib

Kátia Cristina Baptista Ribas Gabriel

Instituto de Artes Integradas de Blumenau | Inarti

Presidente e Coordenadora Geral do Fenatib

Maria Teresinha Heimann

Vice Presidente

Elton Gomes

Coordenação Financeira

Carlos Eduardo Kraus

Jurídico

Eliana Maria Cordeiro Zimmermann

Secretaria

Verena Pellis Kirsten

Comissão de Seleção

Maria Teresinha Heimann
Romualdo Luciano Pepe Sedrez
Valmor Nini Beltrame

Análise dos espetáculos

Humberto Braga,
Valmor Nini Beltrame
Antonio Lauro Góes

Assessoria de imprensa

Luís Sérgio Bogo / Sérgio Antonello

Revisão de texto

Luís Sérgio Bogo

Montagem Técnica

Nelson Júlio

Fotografias

Marcelo Martins

Personagem Tibe

Allan Antonio Maria

Equipe de apoio técnico

Araci Cristina de França de Carvalho

Carin Christ

Célia Zimmermann

Daniel Zeni

Fabiano Raulino

Kátia C.B. Ribas Gabriel

Lílian Rose Keske

Maíra Tatiane Schweder

Mariana Girardi

Marcela Borel

Paulo Escalera da Silva

Shirlei Jeane D. Rampelotti

Sérgio Antonello

Sueli Maria V. Petry

Verena Pellis Kirsten

Paulo Rogério da Silva

Rodrigo Rogério Ramos

Revista do Fenatib / Secretaria Municipal de Cultura e Relações Internacionais. - nº 1 (1997). - Blumenau : Secretaria Municipal de Cultura e Relações Internacionais : Instituto de Artes Integradas de Blumenau, 1997.
il.; 21cm

Anual.

A partir do número 11, 2015, disponível em : <<http://fenatib.com.br>>.

A partir do número 11, passou a ter a edição do Inarti.

Edições impressas anteriores, disponíveis em : <<http://fenatib.com.br>>.

ISSN 1679-477X

1. Teatro infantil - Periódicos. I. Secretaria Municipal de Cultura e Relações Internacionais. II. Instituto de Artes Integradas de Blumenau. III. Título.

CDD 792.0226

Catálogo elaborado pela Bibliotecária Rita de Cássia Barcellos CRB 14/1365

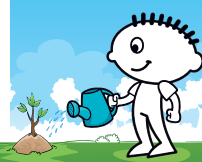


Rua Alberto Koffke, 354 | Blumenau | SC
www.inarti.org.br



Sumário

O teatro como possibilidade de educação cultural <i>Maria Teresinha Heimann</i>	4
Mediação Teatral: compartilhamentos de um espaço movediço <i>Sabrina Moura</i>	7
A arte de narrar histórias: o tecer do teatro na narração oral cênica <i>Shirlei Jeane Dickmann</i>	13
“Você pode ficar quieto pra gente criar, professor?”: breve relato de uma aula de teatro na Educação Infantil <i>Rafael Koehler</i>	19
22º Fenatib – Festival Nacional de Teatro para Crianças e Jovens <i>Humberto Braga</i>	25
Mãos invisíveis do Festival <i>Valmor Nini Beltrame</i>	29



Ⓢ Teatro como possibilidade de educação cultural

Maria Teresinha Heimann

A 22ª edição do Fenatib ficou marcada pela discussão sobre questões como a teoria e a prática teatral, presença e interação com o aqui e agora das vivências teatrais ocorridas nos últimos tempos em nossa cidade. Outra questão que marcou essa edição foi o pouco recurso arrecadado para o evento - o que nos obrigou a construir novas pontes e caminhos para realizar o Fenatib. Tivemos que rever alguns pontos do evento para adequá-lo aos recursos captados, uma vez que o festival é sempre muito esperado, seja pelas crianças e jovens, como também pelos professores e pela própria cidade. Essas questões nos obrigaram a rever, por exemplo, a programação do evento, e adequá-la sem prejudicar o seu resultado. Buscamos para reflexão um olhar para as atividades de edições passadas, analisando os conteúdos apresentados e decidimos reunir os conhecimentos vivenciados pelos nossos professores que tinham muito a contribuir para o 22º Fenatib.

É sabido que o Fenatib é um produto cultural importante para a cultura teatral e tem como papel a formação e educação de plateia escolar, proporcionando apoio para os professores através da colaboração de convidados conferencistas, oficinairos e debatedores dos espetáculos, vindo de várias regiões do país. Nessa edição, por exemplo, o evento contou com a participação de sete Estados: Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Ceará e Brasília. Os 13 espetáculos presentes realizaram um total de 40 apresentações e atenderam um público estimado em 15 mil espectadores.

Depois de algumas conversas para indicação de palestras e oficinas, chegou-se ao tema: Teatro Educação/Teoria e Prática, que abraçou tanto as palestras como também as oficinas propostas, uma vez que seriam atendidos diretamente professores, crianças e jovens. Desse modo, convidamos para fazer parte da mesa de palestras, o professor doutorando da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Unirio), Miguel Vellinho, a professora mestranda da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), Sabrina Moura, e como mediador o produtor cultural e ex-presidente da Funarte, Humberto Braga. A ideia foi que nos trouxessem suas vivências em sala de aula - entre a teoria e a prática. A professora Sabrina Moura, mestranda da Universidade

do Estado de Santa Catarina - (Udesc), pós-graduada em Filosofia contemporânea, atriz e professora da Cia Carona de Teatro, abordou um tema que vem investigando, que são questões sobre a formação de professores - sala de aula como território para as práticas de mediação teatral e a relação entre escola, teatro e a arte do espectador. O professor doutorando Miguel Vellinho, da Universidade do Rio de Janeiro, apresentou o tema: Teatro para crianças sobre a incompreensão ao redor. Ambas mediadas por Humberto Braga. Em paralelo aconteceu também a oficina do professor mestre em Educação pela Universidade do Paraná (UFPR), Rafael Koehler, com o tema: Teatro e performance na educação Infantil para professores, contribuindo também com um artigo para a revista do Fenatib com o tema: Breve relato de uma aula de teatro na educação infantil. Segundo o professor, trata-se do relato de um evento ocorrido durante as práticas teatrais e performáticas desenvolvidas em sala de aula com crianças de três a cinco anos de idade em uma escola de educação infantil de Blumenau, Santa Catarina. Outra oficina foi conduzida pela pedagoga e especialista em educação: leitura, letramento, arte e literatura, contação de histórias e também coordenadora de projetos de leitura da Secretaria Municipal de Cultura e Relações Institucionais, Shirlei Jeane Dickmann, que escreveu sobre tecer um diálogo entre contar histórias e o fazer teatral, buscando equilíbrio entre ambas as artes para o caminhar na narração oral cênica. Já Sabrina Moura ministrou a oficina de formação de professores com o tema - Sala de aula como território para as práticas de mediação teatral. Não poderia deixar de citar aqui a homenagem feita pelo professor Valmor Nini Beltrame ao meu companheiro e parceiro de 12 anos de Fenatib, que faleceu 15 dias após ao evento e que esteve sempre ao meu lado colaborando em todo o andamento das edições. Nossa homenagem de agradecimento ao Paulo Escaleira da Silva.

A Revista do Fenatib reúne artigos dos palestrantes e um relato sobre as oficinas ocorridas durante o 22º Fenatib. Além dessas palestras e oficinas já mencionadas, as crianças tiveram a oportunidade de participar de uma oficina de sensibilização ambiental oferecida pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente e de uma oficina sobre reciclagem de material, realizada pelos arte-educadores Beto Malabares e Rosinha Walter.

A contribuição do teatro para a educação está bastante presente na sala de aula. Ainda que precisem melhorar em determinados aspectos, elas acontecem. O professor, mesmo sem se dar conta, todos os dias ao entrar na sala de aula toma emprestados alguns recursos da linguagem teatral para enriquecer suas atividades na escola, possibilitando que o aluno se coloque no lugar do outro, faça novas descobertas e experimentos para melhorar seus conhecimentos.

Nossos agradecimentos aos convidados palestrantes,icineiros, grupos e companhias de teatro dessa edição, à equipe de trabalho,



criação e revisão de textos, aos técnicos de palcos, fotógrafos e imprensa em geral, que não mediram esforços para que todos fossem bem atendidos e recebidos; aos patrocinadores e apoiadores financeiros e ao Ministério da Cidadania. À Prefeitura de Blumenau, através da Secretaria Municipal de Cultura e Relações Institucionais, Secretaria Municipal do Meio Ambiente, equipe do Instituto de Artes Integradas de Blumenau e equipe de apoio técnico pela sua dedicação para que o 22º Fenatib pudesse ser destaque, mais uma vez, no cenário cultural brasileiro.



Mediação Teatral: compartilhamentos de um espaço movediço

Sabrina Moura¹

Existe um lugar, um entre, um interstício que por alguns autores é conhecido como terceiro espaço², um território próprio onde se movem as ações que buscam aproximar obra e espectador/espectadora, produção e recepção, a este caminho do meio, dá-se o nome de mediação. Segundo Desgranges,

É considerado procedimento de mediação toda e qualquer ação que se interponha, situando-se no espaço existente entre o palco e a plateia, buscando possibilitar ou qualificar a relação do espectador com a obra teatral, tais como: divulgação (ocupação de espaços na mídia, propagandas, resenhas, críticas); difusão e promoção (vendas, festivais, concursos); produção (leis de incentivo, apoio, patrocínios); atividades pedagógicas de formação; entre tantas outras.³

Contudo, o autor apresenta duas noções: formação de plateia e a formação de espectador/espectadora. A primeira, tem como objetivo acessar o espetáculo ao público (acesso físico); a segunda diz respeito ao acesso linguístico, proporciona a “constituição do percurso relacional do espectador com a cena teatral, da conquista de sua autonomia crítica e criativa.”⁴ Tenho me dedicado a pensar sobre a mediação teatral, buscando explorar as possibilidades principalmente do acesso linguístico, a partir da realidade histórico-cultural da cidade de Blumenau, Santa Catarina, onde atuo como professora-artista da Cia Carona de Teatro⁵.

¹ Aluna do Curso de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estadual de Santa Catarina (UDESC); professora-artista da Cia Carona de Teatro. sabmoura@ciacarona.com.br

² Flávio Desgranges. Mediação Teatral: anotações sobre o Projeto Formação de Público. Urdimento – Revista de Estudos em Artes cênicas. Florianópolis: UDESC, nº 10, pp.75-83, 2008, p.76.

³ Flávio Desgranges. A pedagogia do espectador. 3. 3d. São Paulo: Hucitec, 2015. p.65.

⁴ Flávio Desgranges. Mediação Teatral: anotações sobre o Projeto Formação de Público. Urdimento – Revista de Estudos em Artes cênicas. Florianópolis: UDESC, nº 10, pp.75-83, 2008, p.77.

⁵ Disponível em: www.ciacarona.com.br



Desde o ano de 2016, mantenho uma pesquisa intitulada *Articulando a Plateia de Teatro em Blumenau*⁶, que tem como proposta refletir o campo da mediação em parceria com a área da educação, mais especificamente com professoras e professores da rede pública de ensino⁷. Com essa proposição tenho buscado espaços para sentir e discutir as nuances do ato de leitura - "ato, pois a leitura solicita produção, invenção - se constitui como instância fundamental do evento teatral. Sem essa atuação do espectador, que desempenha um gesto necessariamente autoral, o evento não se realiza."⁸



No entanto, o ato de leitura como a arte do espectador/espectadora e seus desdobramentos me parece um assunto ainda pouco explorado na área da educação no contexto blumenauense. Considerando as transformações ocorridas na cena teatral desde o iluminismo até a contemporaneidade, e que, geralmente, professoras e professores acabam atuando também como mediadoras (es) da arte teatral, torna-se emergente no nosso contexto, práticas que discutam a relação entre o objeto artístico e o espectador/espectadora. O Fenatib, por exemplo, representa o principal evento teatral do município envolvendo a comunidade escolar, a experiência de vir ao festival, provavelmente, transborda em outras dinâmicas realizadas antes ou depois de assistir

⁶ Disponível em: <http://plateiadeteatro.blogspot.com>

⁷ Disponível em: <http://plateiadeteatro.blogspot.com/p/curso-de-teatro-professor-e-artista.html>

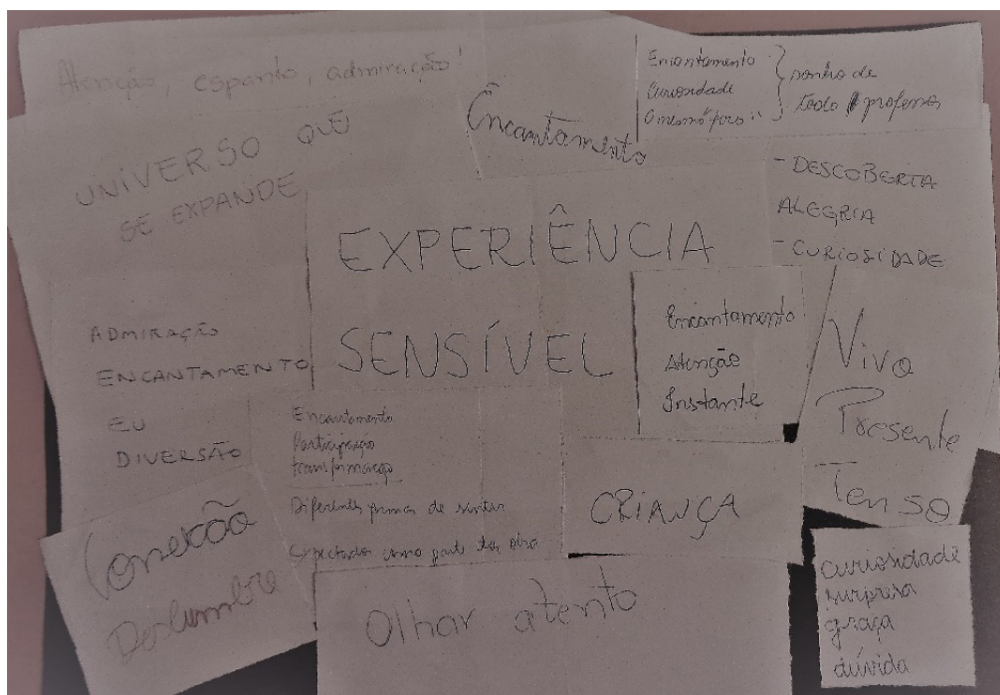
⁸ Flávio Desgranges. *A Inversão da Olhadela – alterações no ato do espectador teatral*. São Paulo: Hucitec; 2012. p. 18.

aos espetáculos. Entretanto, muitas vezes, as (os) educadoras (es) por falta de conhecimento acabam reduzindo o espetáculo e o ato de fruição a um jogo de transmissão de mensagens. Sendo assim, no diálogo com as (os) professoras (es) da rede pública, tenho buscado explorar algumas premissas, que no meu entendimento, sustentam a arte do espectador/espectadora.

No entanto, para continuar discorrendo sobre o assunto, peço gentilmente que observe a imagem abaixo, imprimindo um ritmo demorado, independentemente de já conhecer ou não a origem da fotografia.

Certifique-se do tempo que você dispendeu para apreciar a foto e sua disponibilidade em se deixar afetar pela imagem. Caso tenha percebido que sua ação contemplativa tenha sido afobada, sugiro que subverta o tempo, volte e se permita a olhar novamente...

Infelizmente não ficarei sabendo como sucedeu seu ato de leitura, o que a fotografia lhe suscitou, mas na imagem seguinte copilei os escritos de um encontro realizado com professoras (es), artistas, professoras-artistas, professores-artistas, que registraram anonimamente suas impressões em silêncio e individualmente.



Algumas leituras conversam entre si e provavelmente devem se aproximar do que você leu ao ver a imagem. Será? O filósofo Rancière em seu texto *A Imagem Pensativa*⁹, propõe uma reflexão sobre este tema. Para o autor a imagem possui um pensamento próprio, uma certa autonomia, que não está relacionada com a intenção do autor e com a leitura do receptor, mas no entrelaçamento deste jogo. Segundo o filósofo,

⁹ Jacques Rancière. O espectador emancipado; tradução Ivone C. Beneditti. – São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2012, p.128.



A pensatividade da fotografia poderia então ser definida como esse nó entre várias indeterminações. Poderia ser caracterizada como efeito da circulação entre motivo, o fotógrafo e nós, do intencional e do não intencional, do sabido e do não sabido, do expresso e do não expresso, do presente e do passado¹⁰.

Neste texto, Rancière se refere a imagem, fala da fotografia,



mais especificamente das artes visuais, porém, caminhando na trilha do filósofo, esta ideia escorrega praticamente por todas as manifestações artísticas e atravessa o seu pensamento em relação a arte. A indeterminação, as tensões e os paradoxos estão no cerne do pensamento rancièriano. A imagem que escolhi para a dinâmica tem um motivo, uma intenção e uma concepção pessoal, mas a partir do momento que expus a outros olhos, descontextualizada, a leitura dá à fotografia outros horizontes, pois a “imagem designa algo que resiste ao pensamento, ao pensamento daquele que a produziu e daquele que procura identificá-lo”.¹¹ Logicamente, não sou a autora da imagem, mas independente das minhas percepções, das proposições do fotógrafo, no encontro com o receptor a imagem ganha vida própria ou ainda, outras

¹⁰ Ibidem, p. 110.

¹¹ Ibidem, p. 124.

vidas. Para cada olhar uma memória, uma história, um referencial, um jeito único de ver.

A foto trata-se de uma das cenas do filme “Os Incompreendidos”, do ano de 1959, do diretor francês François Truffaut. A trama expõe os conflitos de Antoine Doinel (Jean-Pierre Léaud), um garoto que vive à margem dos cuidados da família e em uma estrutura escolar rígida. Entre as peripécias do personagem, uma de suas vivências se passa na plateia de uma peça de teatro e neste momento o foco da cena é o público. Por aproximadamente dois minutos somos agraciados por uma cena belíssima, onde os corpos dos espectadores/espectadoras, neste caso crianças, suas reações, impressões, são poeticamente colocadas em primeiro plano. A cena termina com a troca de afeto entre dois meninos.¹² Um filme de muitas delicadezas, principalmente essa cena da plateia que saltou aos meus olhos de professora-artista e pesquisadora. Ao buscar mais informações a respeito da obra cinematográfica encontrei a imagem da cena, expondo o público como objeto artístico. Provocada pelas ideias de Rancière, vislumbrei a proposição de expor a plateia de teatro de Truffaut para outros espectadores, descolada do contexto do filme.

Poucas (os) participantes da dinâmica, geralmente, têm conhecimento da origem da fotografia e suas leituras variadas acabavam dialogando com a ideia de imagem pensativa de Rancière. Entretanto, existe um ponto em comum nas leituras realizadas: a grande maioria percebe diferenças nas reações das crianças. Considerando que se trata de uma contemplação da ação contemplativa, encontramos duplamente nesse jogo a ideia da indeterminação posta por Rancière. Primeiro pelas leituras singulares que cada um exprime da fotografia, segundo pela percepção de que, independente do que aquelas crianças viam, elas não reagem da mesma forma, pois “o espectador também age (...). Ele observa, seleciona, compara, interpreta. Relaciona o que vê com muitas coisas que viu em outras cenas, em outros tipos de lugares. Compõe seu próprio poema com os elementos do poema que tem diante de si.”¹³

Tratando-se dos espectadores da cena fotografada, estamos falando de uma plateia de 1959 que, pela minha percepção do filme, assistia a um espetáculo que se tratava de uma história clássica que envolvia o lobo mau, um caçador e a vovó, e, mesmo assim, vemos reações múltiplas. Neste sentido, a cena do filme retratada na imagem também pode figurar que este espaço indeterminado de alguma forma é inerente a própria arte, mas a dilatação desse jogo entre o objeto artístico e o espectador/espetadora cumpre um papel fundante nas alterações das formas de produção artística e de percepção, principalmente na arte contemporânea.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VztT8y9h1Cc>

¹³ Jacques Rancière. O espectador emancipado; tradução Ivone C. Beneditti. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p.17.



Assim, tenho procurado refletir o espaço da mediação teatral em diálogo com as (os) docentes, trazendo à tona a noção do espectador/espectadora emancipado/emancipada apresentada por Rancière, que pode ser compreendida como esse embaralhamento da fronteira entre os que agem e os que olham, entre indivíduos e membros de um corpo coletivo.”¹⁴ A proposta busca expandir as possibilidades desse jogo indeterminado do ato de leitura, tendo em vista os desdobramentos da compreensão do teatro também como a arte do espectador/espectadora. Neste sentido, tanto os encontros práticos quanto as discussões promovidas pela proposição do *Articulando*, procuram se mover a partir do terceiro espaço, entendendo que “o ato artístico solicita, pois, uma disponibilidade distinta do espectador. Disponibilidade essa que não parece evidente e que não pode ser compreendida como um talento natural, mas sim como uma conquista cultural.”¹⁵ O projeto *Articulando* representa um processo movediço, que busca envolver professoras, professores, artistas, estudantes, na intenção de refletir e expandir, a partir dessas premissas, a arte do espectador/espectadora.



¹⁴ Ibidem, p.23.

¹⁵ Flávio Desgranges. *A Inversão da Olhadela – alterações no ato do espectador teatral*. São Paulo: Hucitec; 2012. p. 21.

A arte de narrar histórias: o Tecer do Teatro na narração oral cênica

Shirlei Jeane Dickmann

Quando Sherazade contava, quem ouvia se esquecia de tudo, de quem era, do que era, se sentia fome ou sono. Podia a terra tremer ou o nariz coçar, nada importava quando Sherazade contava. Era tão gostoso como comer tâmara de olhos fechados, ouvindo as fontes do 5º jardim suspenso, aquele das rosas amarelas. Tudo se encaixava, se esclarecia e se turvava, desenhos e melodias surgiam em quem ouvia, dizendo-lhes a diferença entre o que eram e o que acreditavam ser, quando Sherazade contava.

Pauline Alphen

Resumo:

Na busca de tecer um diálogo entre contar histórias e o fazer teatral, este artigo busca o equilíbrio entre ambas as artes para o caminhar da narração oral cênica, pois ambas as artes se complementam. Quando pensamos nestas linguagens imaginamos o quanto é doloroso e árduo o processo de formação de público, de pequenos e grandes espetáculos. Quem exerce este papel? Quem serão os tecelões? No entrelaçar das palavras abaixo escritas as respostas surgirão, ou até mesmo as dúvidas se fortalecerão, para que juntos possamos encontrar o equilíbrio deste ato de atuar como mediadores e formadores destas novas plateias.

Palavras-chave: Contação de histórias; Teatro; Educação.

As cortinas se abrem e o espetáculo inicia. Toda narração acontece e os aplausos fecham o ritual da arte da encenação. É assim que acontece em grandes palcos pelo mundo, em arenas adaptadas e em calçadas de grandes e pequenas cidades.

O teatro acontece onde há espectadores ou onde há um artista com brilho e verdades no olhar. O desejo de tecer a arte e formar novos espectadores surge quando a sincronia do corpo e das palavras contam uma história.

Contar histórias é uma arte?

No jogo da fala e da escuta, a partida se dá ao som das primeiras palavras, quando o contador de histórias dá vida aos personagens do conto selecionado, tornando-os reais com movimentos que são criados



e imaginados pelos ouvintes. As imagens surgem no ar com cuidadosos movimentos de mãos, braços, fortalecidos com expressões corporais e possibilitando uma narrativa que parte das palavras e se idealiza no gesto.

A arte de contar histórias se aproxima da arte do teatro, ambas buscam no jogo das palavras aproximar o público do espetáculo interpretado. O entrelaçar de ideias, a superação dos conflitos são elementos presentes em ambas as artes. Conforme afirma PESSOA (2015, p.330):

Para contar histórias é necessário haver um contador, um texto e um ouvinte . Para realizar o fazer teatral, é necessário haver um tablado, uma pessoa em cima do tablado dizendo um texto e outra pessoa assistindo ao que é feito. Desde que Téspis, considerado o primeiro ator da Grécia antiga, se posicionou à frente do coro, o teatro pode ser visto desta forma.



O ponto de partida neste ato de contar histórias ou viver histórias acontece no meio familiar. Aquele momento que a mãe acolhe seu bebê nos braços e inicia uma narração. Esta narração pode passar por vivências do cotidiano ou até mesmo contos da oralidade que esta mãe recebeu na sua infância.

A segunda etapa se concretiza na escola, espaço este rico em possibilidades oferecidas pelo professor mediador, este que desafia os

educandos a superar suas dificuldades e que consiga potencializar a aprendizagem a partir de novas experiências, sejam estas na escuta ou na expressão oral. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte (BRASIL, 1997, p.84)

O teatro promove oportunidades para que adolescentes e adultos conheçam e confrontem diferentes culturas em diferentes momentos históricos, operando como um modelo coletivo de produção de arte. Ao buscar soluções criativas e imaginativas na construção de cenas, os alunos afinam a percepção sobre eles mesmos e sobre a situação do cotidiano.

Quando teóricos pensam na disseminação da cultura no meio educacional, muitos avanços são instituídos em espaços da educação. Ao instigar um grupo de alunos aos diferentes textos que estão disponíveis no espaço escolar, educadores possibilitam o crescimento e o amadurecimento na arte da escrita e na arte cênica.



A narração oral cênica e o teatro desenvolvem a atenção, o lúdico e a interação do público. Por exemplo, um bebê com alguns meses de vida percebe o teatro ou a contação de histórias como um jogo de palavras, de olhares e de sons. Com o passar dos anos esta criança percebe que o ato de ouvir histórias e assistir a uma peça teatral, vai muito além de um jogo. Percebe que este ritual que envolve ambas as artes, favorece no seu desenvolvimento, sensibiliza para conflitos do cotidiano, fortalece para as dificuldades. Quanto mais experiências leitoras ou artísticas são proporcionadas a este público, melhores resultados se obterão na fase adulta. O PCN – Arte (BRASIL, 1997, p.84)

A experiência teatral é apontada como responsável pela ampliação das capacidades de dialogar, negociar, tolerar e conviver com a ambiguidade. Consta no documento a visão desta qualidade da arte dramática: no plano coletivo, o teatro oferece, por ser



uma atividade grupal, o exercício das relações de cooperação, diálogo, respeito mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia como resultado do poder de agir e pensar sem coerção.

Neste momento do desenvolvimento destes educandos, percebe-se esta necessidade da constante intervenção e mediação no que diz respeito a direcionar para com os valores da vida. Aquela criança que foi estimulada desde a primeira infância nos braços de sua mãe, ouvindo e se alimentando com histórias lidas ou contadas, como foi citado anteriormente, terá mais facilidade na aceitação das atividades em grupo.

Interessante ressaltar que este processo de trabalho em grupo se aproxima muito do trabalho que envolve a formação de público, seja em espetáculos teatrais ou de contação de histórias. Inicia naquele momento da oralidade individual, informal e sem intenção, constitui-se no fazer do cotidiano, e estabelece-se na rotina oferecida pela escola e pelos mediadores ali presentes.

Quem são os tecelões desta arte?

O processo de formação de público inicia com a família, que será a mediadora inicial deste processo que muitas vezes parece ser tão árduo e distante para a realidade que vivemos hoje. Ao frequentar um teatro em uma final de semana percebemos a baixa adesão das famílias em levar seus filhos, sejam crianças ou jovens para apreciar uma peça teatral. De acordo com PESSOA (2015, p.335):



Dar acesso ao público, por meio da dramaturgia, às narrativas populares é possibilitar a realização de uma experiência reveladora e transformadora. Ao estabelecer contato com essas narrativas, o espectador de qualquer idade tem a oportunidade de vivenciar a sabedoria popular. Nesse processo, pode assimilar uma consciência crítica sobre o mundo.

Assim, podem-se observar os ganhos que a dramaturgia tem sob o desenvolvimento humano e emocional. A criticidade que textos teatrais podem oportunizar no meio social e reflexos que cenas ditas ficcionais se cruzam no cotidiano destes espectadores. O grupo que se faz presente nestas ações com periodicidade apresenta um olhar mais crítico e construtivo sobre os conflitos do seu meio.

A partir deste cuidadoso olhar e da mediação das famílias as instituições de ensino assumem papel fundamental na continuidade deste processo da formação de espectadores críticos e admiradores da arte do teatro e da contação de histórias.

Quando a escola permite e possibilita a seus educandos as diferentes linguagens que a arte pode oferecer, esta formação acontece de maneira muito leve e lúdica. Por exemplo, o professor que traz para dentro do seu planejamento escolar os momentos de contação de histórias e insere no mesmo a apresentação de espetáculos de teatro dentro dos muros escolares, os alunos perceberão os benefícios que tais artes assumem no seu desenvolvimento cognitivo e emocional.

Ao inserir tais linguagens o aluno será capaz de distinguir as diferenças entre um ator e um contador de histórias. Segundo PESSOA (2015, p.330):

No fazer teatral, o texto pode ser dito de várias formas, pode até mesmo não passar pela oralidade (um texto dito por meio da mímica, por exemplo); além disso, o ator interpreta uma personagem por texto (ou várias, se o texto ou encenação exigirem). Já o contador de histórias diz o texto. Como narrador, ele pode emprestar uma voz (ou modulação de voz) para uma personagem, mas isso não é fundamental.

Portanto, o contador de histórias e o ator assumem neste momento o papel de formadores e potencializadores de público. A partir de um grupo sensibilizado, outros irão se contaminar com esse chamado “viver a arte”.

Alguns programas e festivais acontecem pelo Brasil, eventos estes que fomentam ambas linguagens acima citadas. Na cidade de Blumenau, há seis anos o Programa Parque da Leitura estimula a partir da contação de histórias a formação de novos leitores e de novos entendedores da linguagem oral. Muitos autores, contistas, poetas e humoristas são trazidos para roda de histórias e um jogo inicia entre o contador de histórias e o espectador. O saber se posicionar para receber a história



que será iniciada é um processo que acontece de maneira lúdica, pois cada um tem liberdade de se acomodar da forma que desejar, pois o parque possibilita que a recepção aconteça com espectadores sentados, deitados, de pé, encostados numa árvore ou numa bicicleta. Um espaço democrático que acolhe a todos e com toda certeza provoca muitos à busca de novos capítulos ou outros “Era uma vez...”.

Ao sairmos de um parque onde as possibilidades são as mais variadas, pensamos no glamour de um teatro e refletimos no desafio da formação de público para este espaço não tão acessível para algumas pessoas. Mas, além do fomento a leitura, acontece anualmente o Festival Nacional de Teatro para Crianças e Jovens de Blumenau, o mesmo já está na sua 22ª edição. Este festival traz grupos de várias cidades e estados do Brasil com espetáculos que exploram diferentes formas de teatralizar.

Durante o festival o Teatro Carlos Gomes é invadido por um mar de crianças e jovens de diferentes idades e classes sociais, um espaço democrático que busca fomentar a estruturação do público e a qualificação do mesmo. Neste evento todos os tecelões acima já mencionados, são fundamentais para o sucesso do processo. A organização do evento em deixar tudo preparado e possibilitar que cada criança ou jovem possa se deliciar com cada momento, aos professores que oportunizaram aos educandos esta experiência, a família que acompanha seus filhos até o teatro e aos atores que ao abrir das cortinas buscam o melhor olhar ou a melhor palavra para entrelaçar o público na sua narrativa e que ao término a salva de palmas seja a todos estes incansáveis tecelões que acreditam na transformação da humanidade a partir da arte, a arte do teatro, a arte do experimentar, a arte de acreditar.

Referências

BUSATTO, Cléo. A arte de contar histórias no Século XXI: tradição e ciberespaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GIRARDELLO, Gilka. Uma clareira no bosque: constar histórias na escola. Campinas, SP: Papirus, 2014.

GRAZIOLI, Fabiano Tadeu. Teatro de se Ler: o texto teatral e a formação do leitor. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.

MACHADO, Regina. Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

PESSOA, Augusto. Contação de Histórias: tradição, poéticas e interfaces: Organização de Fábio Henrique Nunes Medeiros e Taiza Mara Rauen Moraes. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015.

BRASIL, PCN: Arte, 1997.

“Você pode ficar quieto pra gente criar, professor?”: breve relato de uma aula de teatro na Educação Infantil

Rafael Koehler¹

Resumo

Trata-se do relato de um evento ocorrido durante as práticas teatrais e performáticas desenvolvidas em sala de aula com crianças de 3 a 5 anos de idade em uma Escola de Educação Infantil de Blumenau, em Santa Catarina.

Num primeiro momento é apresentada a prática denominada *Programa Performativo para a Educação Infantil* que tem o corpo como base de criação artística, logo após apresenta-se o relato do evento ocorrido em sala de aula, seguido de um diálogo com a proposta de Educação Sensível e mediação teatral, e por fim conclui-se que são pelas vias do corpo e do afeto que uma Educação Sensível pode se concretizar.

Palavras-chave: Teatro e Performance na Educação Infantil; Pedagogia do Teatro; Educação Sensível;

Neste artigo apresento um breve relato de um acontecimento em sala de aula ocorrido no primeiro semestre de 2019 e que traz à tona a importância de nós, profissionais da educação e artistas, termos como base do dia a dia uma Educação voltada ao desenvolvimento da sensibilidade, tanto em nós, quanto nos educandos.

Desde o ano de 2016 trabalho com crianças de 3 a 5 anos e pesquiso a relação entre teatro e performance na Educação Infantil, tendo o corpo como base de criação para se realizar uma Educação Sensível.² As ações artístico-pedagógicas que desenvolvo em sala de aula têm como base o *Programa Performativo*, proposta artística de Eleonora Fabião.

Fabião propõe o *Programa* para artistas/performers, eu adaptei sua proposta pensando na criação artística e na experimentação corporal

¹ Ator e Professor de Teatro da ENTRE-teatroperformativo; Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); Bacharel e Licenciado em Teatro pela Universidade Regional de Blumenau (FURB).

² Educação Sensível é pautada em cinco aspectos principais: intuição, percepção, emoção, criação e sensibilidade. Ver mais em ‘Teatro e Performance na Educação Infantil: [cor] possibilidades para uma Educação Sensível.’, de Rafael Koehler, Michelle Bocchi Gonçalves e Jean Carlos Gonçalves (2018)



com crianças de 3 a 5 anos, a qual intitulo de *Programa Performativo Para a Educação Infantil*. Na definição da autora:

Muito objetivamente, o programa é o enunciado da performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio. Ou seja, a temporalidade do programa é muito diferente daquela do espetáculo, do ensaio, da improvisação, da coreografia. (FABIÃO, 2013, p. 04)

No *Programa Performativo Para a Educação Infantil* ao invés do *Programa* ter ações estipuladas previamente, como propõe Fabião, os educandos de 3 a 5 anos participam de um *perforjogo*³ intitulado *Dança Maluca*⁴ e, ao ficarem paradas, decidem a partir da imagem corporal estática o que elas podem ser nessa história. Após esse primeiro momento as crianças são instigadas por mim a criarem o seu *Programa Performativo* a partir dos seus corpos, estipulando, de maneira breve e simples, algumas ações que acontecerão durante a execução do *Programa*. Com perguntas como “o que esse corpo lembra?”, “o que pode ser essa imagem corporal?”, “o que essa forma do corpo pode fazer?”, “qual desses corpos começa a história?”, “o que acontece agora?”, “como esses corpos se comunicam?”, entre outras variações, instigo as crianças a pensarem em uma sequência de ações a partir dos corpos, criando assim uma história – linear ou não – e formulando um *Programa Performativo*, em que elas executam algumas ações (entre 5 e 10 ações em um primeiro momento) criadas por elas a partir do corpo, sendo esta a estrutura do *Programa*.

Por fim, acontecem ensaios da execução, para que a sequência do *Programa Performativo* não seja esquecida, sendo este mais um ponto de adaptação da proposta original de Fabião. Na Educação Infantil o ensaio é um elemento utilizado para que as crianças registrem corporalmente as ações estabelecidas a partir da imagem corporal da própria criança. O *Programa Performativo Para a Educação Infantil* é composto por poucas ações, estando a criança livre para transitar entre essas ações como desejar. Com o ensaio, a criança consegue experimentar corporalmente as possibilidades desse trafegar entre as ações do *Programa Performativo*.

Foi durante a criação dessa estrutura de *Programa* com uma das turmas de crianças que estão transitando dos 4 para os 5 anos de idade que ouvi a frase título deste artigo. Após a realização da *Dança Maluca*, iniciamos a criação da estrutura do *Programa*, pensando e colocando no

³ Os *perforjogos* são propostas que estão entre o jogo e a performance. Ver mais em ‘*Teatro na Educação Infantil: entre o jogo e a performance*’, de Rafael Koehler (2018).

⁴ *Dança Maluca* é um *perforjogo* em que as crianças movimentam livremente partes do corpo experimentando novas possibilidades corporais com um estímulo sonoro. Ver mais em ‘*Teatro na Educação Infantil: entre o jogo e a performance*’, de Rafael Koehler (2018).



corpo as ideias que surgiam com os questionamentos de o que pode acontecer a partir desse ou daquele corpo. Cinco crianças já estavam em cena, e outras três estavam sentadas ao meu lado sugerindo ações para a história que estava em processo de criação. A minha função como professor neste momento de criação é instigar ao máximo as crianças para que proponham ações, e mediar as propostas, para que as crianças optem por uma delas sem o conflito corporal – algo muito comum nessa faixa etária – e para que as ideias de todas e todos sejam ouvidas.

Foi quando questionei “o que pode acontecer agora?” que uma menina de 4 anos, quase completando 5 anos, que estava sentada ao meu lado, respirou fundo, olhou para mim e disse: “Você pode ficar quieto pra gente criar, professor?”. Este foi um momento chave para eu compreender na prática algo que sempre defendi como Educação: o ouvir e respeitar a educanda e o educando, parar o que estou fazendo e testar novos caminhos a partir da escuta, uma das bases para a realização de uma Educação Sensível.

Para que os educadores possam desenvolver um trabalho que atenda as diversas realidades que a eles chegam, é necessário que sejam sensíveis o suficiente para sentir as necessidades de seus alunos educando-os para que sejam também sensíveis de maneira que cresçam e possam atuar na sociedade de forma crítica – criativa – conscientes de suas atitudes e possibilidades. E



que, se sintam sujeitos atuantes na transformação do meio ao qual estão vinculados e não meros tarefeiros ou seguidores de normas. (ARENHARDT ET AL, 2006, p.03)

Ouvir as crianças é algo fundamental para se trabalhar teatro e performance na Educação Infantil, elas precisam estar totalmente



confortáveis para poderem propor e experimentar corporalmente suas proposições. A percepção do outro, o ouvir, o intuir, o respeito, precisam acontecer tanto na relação educando-educando, quanto na relação educando-educador. Só em uma relação dialógica que podemos pensar na realização de uma Educação que sensibilize a criança para o respeito e percepção de si mesmo e do outro.

A minha resposta veio assim que a pergunta foi enunciada pela criança: “Tudo bem, eu vou ficar quieto e ver vocês criarem”. Na minha frente se desenrolou uma das experiências mais incríveis que tive até o momento como educador: oito crianças entre 4 e 5 anos propondo ações, argumentando em defesa das suas propostas, ouvindo as ideias das demais, experimentando no corpo as ideias e chegando em um consenso para que a criação do *Programa Performativo para a Educação Infantil* acontecesse.

As práticas teatrais e performativas que desenvolvo em sala de aula têm como um dos objetivos a formação de uma educanda e educando autônomos e sensíveis, em que a criação acontece a partir das escolhas das crianças. Ao questionar constantemente o que acontece em seguida eu não havia percebido que estava no controle da aula e

podando a criação das minhas educandas, até que uma delas interveio na situação pedindo, do seu modo, que eu parasse de atrapalhar. Este acontecimento foi possível porque algumas educandas dessa turma estão na aula de teatro comigo desde os 3 anos e a relação de respeito entre nós está estabelecida de uma forma que elas estão a vontade para discordar de mim e propor novos caminhos para as aulas. Alguns *perforjogos*, por exemplo, foram criados em outras aulas a partir dessa relação de escuta e modificação das propostas que eu havia levado inicialmente.

O processo de criação do *Programa Performativo para a Educação Infantil* é algo difícil e muitas vezes demorado devido a pouca idade das crianças e o fato de estarem iniciando na Educação Infantil o seu contato social, a relação com o outro. Este é mais um motivo deste acontecimento ser chave para as aulas de teatro, pois é a concretização da proposta de uma Educação Sensível. Vani (2013) afirma que essa proposta tem como elemento imprescindível a apropriação e a internalização dos conhecimentos através da sensibilidade, tendo como base o compartilhamento de vivências, possibilitando ao educando se abrir ao outro, percebendo e desenvolvendo a sensibilidade de ouvir, de ver e de falar, de compreender a si mesmo e ao outro, de modificar e ser modificado pelas ações e pelo discurso alheio. E foi isso que aconteceu com esta turma, uma criação coletiva respeitando o outro e se modificando pelos discursos e propostas de cada criança ali participante.

Essas práticas teatrais e performativas na Educação Infantil podem ser compreendidas também como ramificações do conceito de mediação teatral, pois uma pedagogia de sensibilização dos corpos, do olhar, da escuta, possibilita o despertar de interesse desses corpos tão pequenos para o teatro, tanto nas aulas quanto na fruição artística, no assistir espetáculos e ter contato com obras teatrais.

Nem sempre o profissional ou a instância a quem incumbe a tarefa de aproximar a obra e o público é designado como *mediador*. (...)

Programas escolares de diferentes países mencionam a atuação de professores - nomeados com frequência *artistas-pedagogos* – como sendo, em última análise o desempenho de um verdadeiro mediador teatral. (PUPO, 2011, p. 114 – *grifos da autora*)

Uma das possibilidades de se construir uma relação dialógica com o objeto cênico é a criança vivenciar corporalmente a criação teatral, e com isso já estar introduzida e sensibilizada para os signos teatrais e para toda a rede de significantes que uma obra de arte traz consigo.

Com o acontecimento aqui brevemente relatado é possível concluir que as crianças em contato com o teatro e a performance desde a Educação Infantil ampliam as suas percepções sobre si e sobre o outro, iniciam, ainda na primeira infância, uma autonomia de criação



em relação dialógica com as demais crianças, desenvolvendo uma sensibilidade de perceber, ouvir, intuir e se posicionar propondo novos caminhos tanto para a criação da estrutura do *Programa Performativo para a Educação Infantil*, quanto para o desenrolar das aulas, afinal são pelas vias do corpo e do afeto que uma Educação Sensível pode se concretizar.

Referências

ARENHARDT, S. et al. A formação do professor para uma educação do sensível na multiculturalidade. **Canfluências**. Santa Maria-RS: Facos-UFSM, 2006.

FABIÃO, E. Programa performativo: o corpo-em-experiência. **Revista ILINX – Revista do LUME – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais – UNICAMP**, Campinas, SP, n. 4, p. 1-11, Dez. 2013.

KOEHLER, R. **Teatro na educação infantil: entre o jogo e a performance**. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

KOEHLER, R.; GONÇALVES, J. C.; GONÇALVES, M. B.; Teatro e performance na educação infantil: [cor]possibilidades para uma educação sensível. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 52, p. 121-136, jan./mar. 2018.

PUPO, M. L. de S. B. Mediação Artística, uma tessitura em processo. **Revista Urdimento** Florianópolis, n. 17, p. 113-121, 2011.

VANI, A. C. A educação do sensível: saberes educativos que circulam na compreensão do ser humano. *Unoesc & ciência – ACHS*, Joaçaba, v. 4, n. 1, p. 7-18, jan./jun. 2013.

22º Fenatib – Festival Nacional de Teatro para Crianças e Jovens

Humberto Braga

Profissional de Artes Cênicas

Resumo: A partir da programação das atividades do 22º FENATIB o artigo destaca temas e questões debatidos. Registra, ainda, a contribuição oferecida ao evento pela Mostra Regional inaugurada no corrente ano com três espetáculos teatrais apresentados por alunos do ensino médio e estudantes de teatro. O artigo ressalta, enfim, a importância de mais uma edição do Festival Nacional de Teatro para Crianças e Jovens de Blumenau no calendário de festivais de teatro do país.

Palavras-chaves: teatro infantil, teatro para crianças e jovens, 22º FENATIB, Mostra Regional.

O evento aconteceu de 3 a 10 de maio, promovido pela Fundação Cultural de Blumenau e pelo Instituto de Artes Integradas – INARTI. Na programação central, participaram dez grupos/companhias sendo um de Brasília, um do Rio de Janeiro, um de Fortaleza, um de Belo Horizonte, um de Goiânia, um de São Paulo e quatro de diferentes municípios de Santa Catarina. Além dos debates sobre os espetáculos, foi realizada uma Mesa de Estudos, oficinas práticas e inaugurada uma Mostra Regional com três trabalhos artísticos apresentados por estudantes e alunos de cursos de teatro de Blumenau. Uma agenda, portanto, intensa e diversificada de atividades, durante oito dias, possibilitando o contato com produções teatrais para crianças de diversas regiões do país.

A **Cia Lumiato Teatro de Formas Animadas**¹, de Brasília apresentou o espetáculo **2 Mundos**, de autoria de Maria Soledad Garcia e direção de Alexandre Fávero². Através da linguagem do teatro de sombras e utilizando a estética do cubismo, a narrativa trata dos encantos que o “ouro” possuía para sábios povos que buscavam uma relação sagrada com a natureza. Segundo Thiago Bresani, ator sombrista, “utilizamos a força simbólica da sombra para mostrar o lado

¹ A companhia foi criada em 2008, em Buenos Aires - Argentina pelos atores Thiago Bresani e Soledad Garcia formados pelo curso de teatro de bonecos da Universidade de San Martin.

² Fundador da Companhia Teatro Lumbra de Animações do Rio Grande do Sul com larga experiência na linguagem do teatro de sombras. .



perverso do homem que busca riqueza e poder, se valendo da violência para subjugar seus inimigos e superar seus obstáculos”. Observa-se, neste trabalho artístico, o intercâmbio entre um experiente artista gaúcho com a companhia teatral paulista.

A **Cia. Cerne**, do Rio de Janeiro e mais precisamente do município de São João de Meriti, criada em 2013, apresentou *Era uma vez um Tirano*, de Ana Maria Machado com direção de Vinicius Baião. A peça conta a história de um lugar feliz e colorido que perde sua “liberdade” quando um ditador toma o poder. Após longo tempo cinzento, três crianças mostram força e libertam a população. O grupo declara que o espetáculo fomenta a discussão sobre as possibilidades de um fazer teatral direcionado a crianças e adolescentes abordando, de maneira lúdica, questões sócio-políticas.

O **Grupo Pavilhão da Magnólia**, de Fortaleza, trouxe *Ogroleto*, da dramaturga canadense Suzanne Lebeau com direção de Miguel Vellinho³. A trama do espetáculo conta a história de uma criança que se descobre diferente das outras. A temática gira em torno do medo, da dúvida e da aceitação de si mesmo na infância. Uma reflexão contemporânea para temas considerados tabus até bem pouco tempo. Neste espetáculo, observa-se mais um exemplo de troca de experiência entre um diretor do Rio de Janeiro com uma companhia teatral de Fortaleza.

De Belo Horizonte - MG, **O Trem – Companhia de Teatro** faz uma releitura do clássico *Chapeuzinho Vermelho*. Os atores se revezam entre os personagens e apresentam não apenas o conflito original da conhecida história, mas, também, o ponto de vista de cada um dos personagens inocentes e/ou heróis da história.

A **Cia de Teatro Sala 3**, de Goiânia, apresenta *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, de autoria e direção de Altair de Souza. Baseado no conhecido livro de Jorge Amado escrito em 1948, o texto trata, através da música, da poesia e do teatro de bonecos, do amor impossível entre um gato solitário e mal humorado por uma bela e gentil andorinha enfrentando o preconceito dos outros animais da floresta.

De São Paulo, foi selecionado *Carlos Felipe em apuros*, de Cafi Otta e direção do Grupo Namakaca. Uma “performance” com técnicas de equilíbrio, malabares e palhaço que busca o entretenimento do público.

Do município de Rio do Sul – SC, a **Trip Teatro** trouxe *O velho lobo do Mar* com autoria e direção de William Sieverdt. Segundo o próprio diretor, a peça existe há 15 anos e já foi apresentada em várias regiões do país e continentes obtendo sempre sucesso no contato com diferentes plateias. A sabedoria de um velho pescador ensina que, na vida, não há problemas sem solução. A delicadeza poética e a simplicidade

³ Reconhecido diretor da Cia. PeQuod, do Rio de Janeiro e professor do curso de teatro da UniRio.

temática através de sons e movimentos tocam com extremo bom gosto na essência do ser humano e arrebatam visivelmente a plateia.

De **Criciúma – SC**, o **Grupo Cirandela** apresentou *Para Contar Estrelas*. Na trama do espetáculo, dois guardiões do tempo, seres atemporais e imaginários viajam pelo universo e se propõem a dialogar com todas as idades trazendo uma reflexão sobre as imposições do relógio, do aqui e agora e de um tempo para contar estrelas.

De **Gaspar – SC**, *Brincando com Lixo*, a **Cia Beto Malabares**, apresentou um espetáculo simples mesclando técnicas circenses com marionetes buscando o divertimento do público.

De **Florianópolis**, veio o grupo **Dromedário Loquaz** com o clássico *O pequeno príncipe* com adaptação e direção de Sulanger Bovaresco. Segundo depoimento da própria diretora, o grupo com 38 anos de existência só tinha em seu currículo um único espetáculo infantil. Decidida a empreender mais uma produção teatral dedicada às crianças, a equipe escolheu um clássico da dramaturgia universal e se envolveu em todas as etapas da montagem criando um espetáculo mágico, sensível e comovente que se propõe encantar todas as idades.

A **Mostra Regional** protagonizada por estudantes e alunos de cursos de teatro enriqueceu a programação do Festival com espetáculos que revelaram visíveis talentos tanto no campo da dramaturgia, da interpretação como no campo da pesquisa de temas extremamente pertinentes. O primeiro, *Ozônio & Clássicos do Teatro*, da **Cia. Arteatroz**, dividido em duas partes sendo uma comédia de ficção onde um grupo de teatro é contratado para representar um roteiro escrito por um diretor mal intencionado e outra parte com outros alunos interpretando quatro cenas de textos clássicos de Shakespeare, Becket e Maria Clara Machado. O segundo espetáculo *Fritz Müller no Vale das Descobertas*, autoria e direção de Priscila Gilinski e Rafael Leonardo, conta instigante história de amizade do naturalista e pesquisador Fritz Müller⁴ e o índio Xokleng Lino. O terceiro *Rosas Vs Cravos*, da Companhia A Crista, de autoria e adaptação de texto de Amanda Kucke e Gabriele Nascimento e direção de Tábata Aparecida Ferreira Reis. Este último conta a história de uma presidiária condenada por intolerância religiosa narrada por uma das presidiárias responsáveis pela limpeza do presídio. A pertinência destes temas, o esforço bem sucedido de produção empreendido e a paixão visível no rosto de cada um dos jovens participantes mostraram a vitalidade do teatro blumenauense. Em três espetáculos, apenas, vivenciamos exercícios teatrais com textos da dramaturgia universal, a criação de um texto abordando a intolerância religiosa dentro de uma prisão e criação de um texto que estuda/pesquisa/difunde a vida de uma importante personalidade histórica da ciência e da cultura local.

⁴ Fritz Müller, pesquisador alemão que chega à colônia de Blumenau em 1856 e se torna um dos principais pesquisadores do Ocidente ajudando a comprovar a Teoria da Evolução das Espécies – estudo do britânico Charles Darwin.



Os debates sobre os espetáculos já como uma marca do FENATIB abrem um espaço de reflexão oportuno e extremamente proveitoso, pois deles participam, além dos debatedores convidados, pessoas do público que permanecem motivadas para esta troca de ideias. Num ambiente amistoso e com objetivo explícito de contribuição aos artistas que vêm ao Festival, são analisadas questões como o histórico do grupo, o processo de montagem daquela encenação, os temas escolhidos e os resultados encontrados. Interessante notar que os pontos predominantes e que acabam se estendendo em tantas rodas de conversa giram em torno de indagações que continuam pertinentes como, por exemplo: por que a opção de fazer teatro para crianças? O teatro para crianças é um gênero teatral específico? Quais os componentes da encenação, da interpretação e do texto que balizam uma encenação teatral para este público? Existem temas mais ou menos apropriados em se tratando de crianças e jovens? É possível um espetáculo agradar diferentes idades? Por que determinados apelos costumeiros e fáceis atraindo a participação da plateia? As crianças de hoje lidando cada vez mais com as novas tecnologias exigem novos ritmos das linguagens artísticas ou estas que deveriam subverter a superficialidade dos meios contemporâneos de comunicação?

Muitas dessas considerações são decorrentes de uma realidade que se transforma lentamente. Importante que isto seja repetido como um grito de alerta em nome de tantos artistas resistentes que se dedicam seriamente a este ofício. O teatro para crianças não dispõe, no país, de um reconhecimento da sua importância tanto pelas instituições públicas de educação e cultura, pela obtenção de apoio para produção dos espetáculos e principalmente também pela não inclusão como disciplina nos cursos de formação do ator/diretor de teatro, especialmente no mundo acadêmico, lugar onde a produção de conhecimento deste tema poderia ser mais efervescente. Ainda são raras e pontuais as iniciativas que estimulam e valorizam este fazer artístico.

A vigésima segunda edição do FENATIB movimentou mais uma vez a cidade de Blumenau mobilizando milhares de pessoas. É emocionante ver todas as manhãs e tardes uma quantidade imensa de crianças descendo dos ônibus, sonorizando diferentes espaços de apresentação e lotando as plateias do Teatro Carlos Gomes com aquela barulhada alegre e sempre muito bem-vinda. À noite, a garotada chega acompanhada dos adultos – pais e familiares – muitos dos quais adquiriram, quando jovens, o saudável hábito de ir ao teatro estimulado pelo próprio Festival.

Como seria bom que em muitas cidades houvesse um FENATIB formando novas plateias e, principalmente, oferecendo a tanta gente a oportunidade de vivenciar a energia do teatro vinda de diferentes regiões do Estado e do país.

Mãos invisíveis do Festival

Valmor Nini Beltrame

Amigo de Paulo Escaleira da Silva

A realização de um evento artístico exige trabalho, vontade, persistência, dedicação e, sobretudo, sonhos, muitos sonhos. Quando se trata de um festival de teatro, e de um festival de teatro para crianças e jovens no qual parte da programação é elaborada com ações formativas, essas exigências são ainda maiores porque dão pouca visibilidade e já não atraem setores da mídia e mesmo outras formas de valorização pública dessas ações. Para a obtenção dos apoios financeiros e logísticos, os organizadores, amparados na legislação vigente, peregrinam quase como penitentes, de porta em porta, tentando convencer apoiadores da importância do festival e suas ações.

Bom é que depois de meses de perambulação, confirma-se a existência de pessoas sensíveis, com percepção e clareza do papel que um festival para crianças e jovens pode representar na formação dos moradores da cidade.

A organização de um festival começa muitos meses antes da apresentação de seu primeiro espetáculo indicado na programação. Aliás, muitos sabem que os preparativos para o Festival Nacional de Teatro Infantil de Blumenau já iniciam antes do término do festival em curso. Diversas vezes vi Teresinha Heimann, sua criadora e coordenadora geral, trabalhando na edição do ano seguinte durante o festival em curso.

Na sua organização, o FENATIB, reúne muitas pessoas, algumas mais conhecidas, outras menos, algumas se tornam mais visíveis outras nem tanto. Porém, todas são imprescindíveis para que o Festival aconteça e seja bem realizado.

Nos últimos anos conheci Paulo Escaleira da Silva, ou apenas Paulo como era mais conhecido, e de quem aos poucos fui me tornando amigo. Ele compartilhava com Teresinha as tarefas diárias e afazeres sobre documentação, finanças e outros serviços que compreendem a realização do FENATIB. Desde que o conheci, no ano de 2010, ele assumia essa empreitada, a de ajudar a cuidar dos documentos exigidos pelo Ministério da Cultura, pelos bancos, e resolver problemas que a burocracia impõe à organização do festival.

Paulo era um homem tranquilo, de andar lento, aparentemente despreocupado com o tempo, mas com olhar atento para as lonjuras



que a idade e tempo ensinam. Era alheio às amenidades, mas dizia bom dia a todos e dispensava o além do necessário. Não era dado a tagarelices e floreios. O senso de objetividade o acompanhava. Os que não o conheciam podiam até pensar que era enfadado, que silenciava diante de coisas a dizer e não dizia. Ou, que ele parecia distraído, ausente. Não.

Paulo era interessado no prático e no fundamental. Cumpria religiosamente as tarefas administrativas com a certeza de que, sem isso, o aparente, o visível, a festa inerente ao festival, não se efetivaria. Sereno e constante respondia e ultrapassava as barreiras, por vezes ciladas, que a burocracia preparava.

Via a todos os espetáculos, acompanhava os debates dos mesmos e às vezes se aproximava dos integrantes da comissão debatedora e com a discrição que lhe era peculiar e sussurrava: - *“Quero ver o que vocês vão dizer sobre esta peça.”* E ouvia, e via. Isso ele também sabia fazer. E fazia certo de que para conhecer é preciso escutar, olhar e ver, notar detalhes que o apressado dificilmente enxerga ou observa. E para isso, não raro emudecia, demoradamente, o que lhe possibilitava observar mais.

Nos últimos meses, Paulo foi perdendo forças, silenciando, seu olhar perdeu o brilho. Parecia que queria sossegar e se transformar em lembranças.

No dia 3 de junho de 2019 fomos surpreendidos com duas pequenas frases de Teresinha: *“Meu coração está muito triste, perdi meu companheiro, amigo e parceiro de todas as horas. Um ser iluminado de um grande coração que o acaso da vida colocou em meu caminho.”*

Com essas poucas palavras, Teresinha resume a relação que criaram, uma relação fundada na amizade, companheirismo, parceria, cumplicidade, amor.

A emoção de Teresinha comoveu centenas, muitas centenas de amigos, artistas de todo o Brasil que manifestaram o carinho e a admiração por Teresinha e por Paulo. Foi bonito ver tanta solidariedade.

Paulo sossegou. E assim nos deixa as melhores lembranças de mãos quase invisíveis que ajudaram a fazer o Teatro presente, vivo, visível.



Dia 3

Sexta-feira

15h / 19h

Local: Auditório
Heinz Geyer -
Teatro Carlos
Gomes

2 Mundos

Cia Lumiato Teatro de formas animadas - Brasília - DF

Autoria: Maria Soledad Garcia

Direção: Alexandre Fávero

A partir de 9 anos

Duração: 45 minutos

Sinopse: Inspirado na colonização da América e dos territórios do mundo todo, o espetáculo conduz o espectador a viajar por um tempo passado que encontra analogias contínuas com o presente. 2 MUNDOS conta a história do encontro de duas culturas opostas, onde se revelam os sentimentos e motivações mais profundas da humanidade. Quando no embate das diferenças explode a luta pela vida, a morte de um jovem acontece trazendo uma nova esperança. O espetáculo 2 MUNDOS convida o espectador a entrar no espaço cênico ampliando a percepção dos sentidos e vivendo de perto a performance dos atores sombristas. Sem o uso da palavra, apresenta os ambientes de maneira audiovisual sendo a música fundamental para aprofundar os diferentes sentimentos que atravessam as cenas e chegam a um clima de intimidade com o espectador.





Dia 3

Sexta-feira

9h30 / 15h30 /
19h30

Local: Auditório
Willy Sievert -
Teatro Carlos
Gomes

O velho lobo do mar

Trip Teatro - Rio do Sul - SC

Autoria: Willian Sieverdt

Direção: Willian Sieverdt

A partir de 5 anos

Duração: 35min (20min de apresentação + 15min de interação com o público)

Sinopse: Perdido em uma ilha esquecida em algum lugar do Atlântico, seja subindo em um coqueiro atrás de alimento, tentando convencer uma minhoca a ir para o anzol, em busca de um tesouro ou até mesmo fazendo amizade com uma baleia, Charlie mostrará a todos que para tudo na vida há uma saída e que por isso ele é conhecido pelos Sete Mares como "O Velho Lobo do Mar".



Dia 4

Sábado

10h / 15h30 /
19h30

Local: Auditório
Willy Sievert -
Teatro Carlos
Gomes

Para Contar Estrelas

Grupo Cirandela - Criciúma - SC

Autoria: O Grupo

Direção: Reveraldo Joaquim e Yonara Marques

A partir de 8 anos

Duração: 50 minutos

Sinopse: Os Guardadores de Tempo Prócion e Kuiper viajam pelo universo para capturar os mais variados tipos de tempo. Eles obedecem ao Relógio, aquele que dita o Procedimento Padrão. Mas aqui eles se deparam com um tempo diferente, um novo tempo. Isso muda tudo, transforma, causa mutação. Vão mudar o procedimento padrão? Vão guardar o tempo ou brincar com o tempo na mão? Vão obedecer ou fazer revolução? Você guarda o tempo ou o tempo que te guarda? Você tem tempo "Para Contar Estrelas"?





Dia 5

Domingo

10h / 15h30 /
19h30

Local: Auditório
Willy Sievert -
Teatro Carlos
Gomes

Brincando com Lixo

Cia Beto Malabares - Gaspar - SC

Autoria: Roberto Vasselai

Direção: Roberto Vasselai

A partir de 7 anos

Duração: 40 minutos

Sinopse: É um espetáculo de marionetes que remete a arte circense. Os bonecos são feitos com diversos materiais reciclados e se divertem fazendo acrobacias no balanço, demonstração de equilíbrio e malabarismo.



Dia 6

Segunda-feira

9h / 15h / 19h30

Local: Auditório

Willy Sievert -

Teatro Carlos

Gomes

Era uma vez um tirano

Cia Cerne - São João de Meriti - RJ

Autoria: Ana Maria Machado

Direção: Vinicius Baião

A partir de 6 anos

Duração: 60 minutos

Sinopse: Primeira adaptação teatral brasileira de “Era Uma Vez um Tirano” (livro clássico de Ana Maria Machado que completou 35 anos de publicação em 2017), o espetáculo narra a história de um lugar feliz e colorido, não se sabe se aqui pertinho ou muito longe, cujo povo perde sua liberdade a partir do momento em que um ditador toma o Poder. Após um longo tempo cinzento, caracterizado por mandos e desmandos por parte do Tirano, três crianças se conhecem e, com um arco-íris no bolso, uma canção no corpo e uma chuvarada de estrelas, resolvem contagiar a população na tentativa de pôr fim àquele tempo de tristeza. Além de homenagear sua autora, esta montagem pretende fomentar a discussão sobre as possibilidades de um fazer teatral direcionado a crianças e adolescentes que toque, de maneira lúdica, em questões sócio-políticas.





Dia 7

Terça-feira

9h / 15h / 19h30

Local: Auditório

Heinz Geyer -

Teatro Carlos

Gomes

Ogroleto

Grupo Pavilhão da Magnólia - Fortaleza - CE

Autoria: Suzanne Lebeau

Direção: Miguel Vellhinho

A partir de 10 anos

Duração: 60 minutos

Sinopse: Uma criança que descobre que não é igual as outras, e tem que aprender aceitar e lidar com essa diferença. Com a dificuldade de adaptação, os sentimentos de inadequação e frustração que envolvem este a descoberta.

Esse é o contexto de Ogroleto de Suzanne Lebeau, uma obra que dialoga com questões contemporâneas do mundo das crianças e adultos possibilitando novas discussões acerca da cultura da infância, sua subjetividade, estética e poética.



Dia 8

Quarta-feira

9h / 15h / 19h

Local: Auditório
Heinz Geyer -
Teatro Carlos
Gomes

Chapeuzinho Vermelho

O Trem - Companhia de Teatro - Belo Horizonte - MG

Autoria: Livia Gaudencio

Direção: Livia Gaudencio

A partir de 3 anos

Duração: 60 minutos

Sinopse: A montagem de “Chapeuzinho Vermelho” faz uma releitura da clássica história da menina que vai pela floresta levar doces para a avó e acaba se encontrando com um lobo mau. Nesta versão, os atores da trupe apresentam o ponto de vista de cada um dos personagens - afinal, todos querem sair de inocente ou herói desta história. Através de músicas e muita criatividade, os atores vão se revezando em todos os papéis. Sem perder a musicalidade, o humor e a criatividade, a versão deste clássico da literatura mundial traz temas e discussões da contemporaneidade.





Dia 8

Quarta-feira

9h30 / 15h30 /
19h30

Local: Auditório
Willy Sievert -
Teatro Carlos
Gomes

Carlos Felipe em apuros

Namakaca - São Paulo - SP

Autoria: CafiOta

Direção: Grupo Namakaca

A partir de 4 anos

Duração: 50 minutos

Sinopse: Carlos Felipe é um homem elegante, educado e fino.

Sua vida segue aparentemente em equilíbrio, mas seu universo é repleto de pequenos problemas. A partir daí técnicas de equilibrista, malabares e palhaço são usadas para que Carlos Felipe e a plateia divirtam-se sem parar.

Um espetáculo simples, quase sem texto, baseado na relação entre o artista, o público e o espaço a sua volta.



Dia 9

Quinta-feira

9h / 15h / 19h30

Local: Auditório

Heinz Geyer -

Teatro Carlos

Gomes

O pequeno príncipe

O Dromedário Loquaz - Florianópolis - SC

Autoria: Adaptação de Sulanger Bavaresco

Direção: Sulanger Bavaresco

A partir de 5 anos

Duração: 75 minutos

Sinopse: A história da peça se passa no deserto do Saara onde um piloto de avião é obrigado a fazer um pouso de emergência. Lá ele conhece o Pequeno Príncipe, um garotinho que vem de um planeta bem pequeno, distante e muito diferente do nosso. Em uma viagem em busca de novos amigos o menino encontra personagens plenos de simbolismo: o rei, o vaidoso, o homem de negócios, o geógrafo, o acendedor de lâmpadas, a serpente e a raposa, entre outros. Ao longo de sua jornada, o Pequeno Príncipe consegue descobrir o segredo do que é realmente importante na vida.





Dia 10

Sexta-feira

9h / 15h / 19h30

Local: Auditório

Heinz Geyer -

Teatro Carlos

Gomes

O gato malhado e a andorinha Sinhá

Cia de Teatro Sala 3 - Goiânia - GO

Autoria: Altair de Sousa

Direção: Altair de Sousa

A partir de 4 anos

Duração: 50 minutos

Sinopse: Uma fábula que narra a história de transformação das criaturas sob a influência do amor, num desenrolar de declarações que permeiam as quatro estações. Gato e andorinha, espécies que originalmente vivem em descompasso, apaixonam-se e degustam de uma melodia que aos poucos é interferida pelos ruídos do restante da população que vive no parque. Um amor impossível, assistido de perto pelo preconceito dos outros animais, que trazem impressos em si um retrato sócio-político da sociedade em que estamos inseridos. Um amor que percorre todas as estações do ano, nos quais sobram apenas as lembranças e uma pétala de rosa vermelha que marca para sempre o coração do apaixonado Gato Malhado. "Gato e Andorinha estarão sempre juntos no momento em que acontecer em nós uma História de Amor."

Mostra Regional de Teatro para crianças e jovens



Dia 5

Domingo

10h30

Local: Cine Teatro
Edith Gaertner -
Fundação Cultural
de Blumenau

Ozônio & Clássicos do Teatro

Cia Arteatroz - Blumenau - SC

Autoria: Coletiva | Direção: Giba de Oliveira

A partir de 10 anos | Duração: 40 minutos

Sinopse: O espetáculo tem no elenco os alunos do Curso de Teatro ministrado pela Companhia Arteatroz e é dividido em duas partes: "Ozônio" - Comédia de ficção onde um grupo de teatro é contratado para representar um roteiro escrito por um diretor mal intencionado no qual narra os primeiros contatos dos colonos imigrantes com a cidade de Blumenau, de acordo com o historiador Ivan Klaus, um completo lunático. Com a turma de alunos do curso de teatro das quartas-feiras vespertino; e "Clássicos do Teatro" - A peça mostra quatro cenas de textos considerados clássicos do teatro, são elas: "Romeu e Julieta" e "MacBeth", de William Shakespeare; "Esperando Godot", de Samuel Becket; e "Pluft - O Fantasminha", de Maria Clara Machado. Com os alunos do curso de teatro de quintas-feiras noturno.





Dia 5

Domingo

14h30

**Local: Cine Teatro
Edith Gaertner -
Fundação Cultural
de Blumenau**

Fritz Müller no Vale das descobertas

Cia Macadame - Blumenau - SC

Autoria: Priscila Gilinski e Rafael Leandro

Direção: Priscila Gilinski e Rafael Leandro

Faixa etária: Livre

Duração: 18 minutos

Sinopse: O espetáculo conta a história de amizade do naturalista e pesquisador Fritz Müller e o índio Xokleng Lino. Vivem uma aventura na floresta em busca de uma borboleta rara e contam com a ajuda da serelepe capivara Piva, com participação do vagalume e do Sr. Caranguejo.



Dia 6

Segunda-feira

10h30

Local: Cine Teatro
Edith Gaertner -
Fundação Cultural
de Blumenau

Rosas Vs Cravos

A Crista - Blumenau - SC

Autoria: Adaptação de texto Amanda Mucke e
Gabriele R. C. Nascimento

Direção: Tábata Aparecida Ferreira Reis

A partir de 10 anos

Duração: 10 minutos

Sinopse: Helena, presa por intolerância religiosa, é a protagonista de uma história narrada por Tereza, uma das presidiárias responsáveis pela limpeza das áreas comuns do presídio. Tereza envolvida com a condição e a história de Helena sente-se na obrigação de ajudá-la em meio aquele "regime militar". O drama ilustra uma partícula sobre a oposição e resistência ao "regime militar" do Brasil da década de 1960.



3 a 10 de maio/19 - 17h

Teatro Carlos Gomes

Análise dos espetáculos

Humberto Braga - Formação em Teatro na Escola de Teatro Martins Penna, Diretor de Produção Cultural/RJ.

Antonio Lauro de Oliveira Góes - Prof. Dr. em Letras (Teoria da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atuando, principalmente, nos seguintes temas: artes cênicas, dramaturgia, cultura e literatura brasileiras.

Romualdo Luciano Pepe Sedrez - Diretor, ator e professor da Cia Carona - Blumenau/SC.

Comissão de Seleção

Maria Teresinha Heimann - Mestre em Educação e Teatro pela Universidade Regional de Blumenau (Furb) e coordenadora do Fenatib.

Valmor Nini Bertrame - Prof. Dr. da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).

Romualdo Luciano Pepe Sedrez - Diretor, ator e professor da Cia Carona - Blumenau/SC.

9 de maio/19 - 18h

Entrega Premiação da Mostra Regional de Teatro | Local: Auditório Heinz Geyer

4 de maio/19 - 14h
Teatro Carlos Gomes

**Mesa de Estudos sobre Teatro
para crianças**

**Teatro para Crianças - Sobre a incompreensão
ao redor**

Palestrante: Miguel Vellinho Vieira - Prof. Doutorando. do PPGAC - UNIRIO - Rio de Janeiro - Diretor da Cia. PeQuod - Teatro de Animação/Professor do curso de Licenciatura em Teatro (UNIRIO), Coordenador do Projeto de Extensão O Hospital como Universo Cênico.

**A relação entre escola, teatro e a arte do
espectador**

Palestrante: Sabrina Moura - Mestranda da Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc, pós-graduada em Filosofia Contemporânea - FACEF, atriz e professora da Cia Carona de Teatro. Blumenau/SC.

Coordenador de mesa: Humberto Braga - Formação em Teatro na Escola de Teatro Martins Penna, diretor de Produção Teatral. Ingressou no serviço público em 1968. Ligado ao teatro, Humberto Braga já foi diretor do Departamento de Artes Cênicas na Fundação Nacional de Artes e ex-Secretário do Ministério da Cultura.



Oficinas

Inscrições pelo e-mail: inartiblumenau@gmail.com

Formação de professores: Sala de aula como território para as práticas de Mediação Teatral. Sabrina Moura - Mestranda da Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc, pós-graduada em Filosofia Contemporânea - FACEL, atriz e professora da Cia Carona de Teatro. Blumenau/SC.

Data: 4/5/2019

Horário: 8h às 12h

Local: Cia Carona de Teatro - Teatro Carlos Gomes

A arte de narrar histórias no cotidiano educacional. Shirlei Dickmann - Pedagoga - Especialista em Educação: Leitura, Letramento, Arte e Literatura. CESUSC. Contadora de histórias e coordenadora de projetos de leitura da Fundação Cultural de Blumenau.

Datas: 8 e 9/5/2019.

Horário: 19h30 às 21h30.

Local: Espaço Elfy Eggert - Fundação Cultural de Blumenau

“Teatro e Performance na Educação Infantil”. Rafael Koehler - Ator Professor de Teatro. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) com a pesquisa “Teatro na Educação Infantil: entre o jogo e a performance”. Bacharel e Licenciado em Teatro pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Integrante do Laboratório de estudos

em Educação performativa, Linguagem e Teatralidades (ELiTe/UFPR/CNPq). Blumenau/SC.

Data: 5/5/2019

Horário: 14h às 18h

Local: Sala Cia. Carona de Teatro - Teatro Carlos Gomes

Malabares: Roberto Vascelai e Rosinha Walter. Bonequeiros, atores, diretores e criadores do Grupo de Teatro Beto Malabares e arte educadores.

Datas: 3 a 10 de maio de 2019.

Horário: 8h às 10h e 13h às 15h

Em frente ao Teatro Carlos Gomes.

Oficinas de Sensibilização Ambiental

Datas: 6 a 10 de maio de 2019.

Coordenação FAEMA



22° Fenatib









